

TURISMO NA TERCEIRA IDADE

Sarah Strachmann Bacal¹

RESUMO: Analisa e relaciona o turismo à terceira idade, mediante o enfoque da problemática da temporalidade. Situa no turismo a sazonalidade e seus reflexos nos setores de hospedagem dos transportes e nas condições da infra-estrutura básica dos núcleos receptores. Destaca a importância de se deter o segmento dos aposentados, a fim de minimizar os efeitos da sazonalidade na oferta turística. Analisa a velhice sob o ponto de vista de sua representação social, situando o lazer turístico dirigido aos "idosos sociais" como uma das opções para a expansão de sua sociabilidade, comunicabilidade, e o alargamento de seu universo cognitivo. Discute, finalmente, a adequação dos pacotes turísticos dirigidos à terceira idade, composta por pessoas da classe média no contexto populacional brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo; terceira idade; sazonalidade. Terceira idade; velhice; lazer turístico; pacotes turísticos.

***ABSTRACT:** This article analyses and connects the tourism with the 3rd age, using the problematic temporal approach. It establishes in the tourism the seasonality and the impacts in the hotels and transportation areas, and in the basic infrastructure of the receptive places. It enforces the necessity to keep the retired people segment with the intention to be minimized the seasonality effects in the tourism offerings. It analyses the "old age" with the point of view of its social representativity, establishing the pleasure tourism addressed to the "old age social people" as one of the options to expand their sociability, communicability, and cognitive universe. Finally, discusses the adequation of tourism packages addressed to the 3rd age, composed of median class people in the Brazilian populational context.*

***KEY WORDS:** Tourism; third age; seasonality. Third age; pleasure tourism; turism packages; old age.*

¹ Professora Titular do Curso de Turismo da Escola de Comunicações e Artes da USP. End. para corresp.: ECA/USP - Depto. de Relações Públicas, Propaganda e Turismo - Cidade Universitária "Armando Salles de Oliveira" - Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 - Bloco B - 05508-900 - São Paulo - SP - Brasil.

1 INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho remete a duas vertentes de situações ligadas à temporalidade e à tarefa de relacioná-las, a fim de minimizar certos problemas que estão presentes em ambos: no turismo a sazonalidade e na aposentadoria o uso auto-enriquecedor do tempo.

Um dos grandes problemas do turismo é seu aspecto sazonal, e a "terceira idade" tem como ponto central para melhorar a sua qualidade de vida a oportunidade de refazer seu orçamento-tempo, através do desenvolvimento de atividades que lhe proporcionem possibilidades de sociabilidade, comunicabilidade e expansão do universo cognitivo. É apenas uma fase da existência em que o indivíduo deve deixar uma "porta aberta" para o mundo, vislumbrando por ela uma ampla gama de possibilidades (BEAUVOIR, 1970).

Um dos segmentos populacionais que se pode constituir num fluxo fora do período de alta estação, e com isso diminuir significativamente os problemas gerados pela sazonalidade no turismo, é o chamado "idoso social" - o aposentado.

Com essa preocupação, tenta-se situar as vantagens da exploração do turismo na terceira idade, quer para os agentes econômicos, quer para as próprias pessoas dessa camada da população.

2 SAZONALIDADE NO TURISMO

A sazonalidade no turismo se apresenta como um dos grandes problemas para os agentes econômicos ligados, direta ou indiretamente, a essa atividade. Causa transtornos e dificuldade no setor de hospedagem, de transporte e, também, nas condições da infra-estrutura básica dos núcleos receptores. Pode-se afirmar, assim, que a sazonalidade se reflete na qualidade da oferta turística.

Na área da hospedagem cria sérias dificuldades tanto para o setor econômico, quanto para o setor de recursos humanos. Na chamada alta estação, a demanda exige maior oferta de leitos, enquanto que na baixa estação, a capacidade ociosa dos alojamentos aumenta. Com a crise econômica por que passa o Brasil, fora das épocas de "pico" tem-se chegado até à taxa de 80% de capacidade ociosa de hotéis, como os da região sul situados em localidades praianas. Dessa forma torna-se praticamente impossível, para o empresário brasileiro, investir na expansão de seu produto e no treinamento de mão-de-obra alocada em seus estabelecimentos.

A formação de uma boa equipe implica em ter empregados qualificados com expectativas de um progresso na carreira. Os hotéis de turismo, em geral, contratam pessoal temporário quando há aumento de turistas nas férias e depois os dispensam no término da estação pela diminuição significativa de hóspedes. Tais empregos provisórios se traduzem, para o trabalhador, na impossibilidade de usufruir benefícios trabalhistas, como serviço médico, férias remuneradas, aposentadoria etc., que acabam por afastar os elementos mais responsáveis que pretendem, na profissão, segurança e ascendência. Por outro lado, as possibilidades de treinamento adequado para a mão-de-obra temporária se tornam inviáveis. Por essas razões a maioria dos hotéis de muitos núcleos turísticos no Brasil apresentam má qualidade de prestação de serviços, provocando a insatisfação dos hóspedes e, numa visão macroeconômica, uma oferta sem competitividade no mercado internacional.

Quanto aos transportes, os investimentos para adequar os meios ao contexto por onde transitam e, principalmente em relação ao transporte aéreo, são inexequíveis. Nos períodos de alta estação verifica-se uma grande procura que supera a oferta, e a companhia aérea não tem como atender essa demanda. Por outro lado, os investimentos no setor exigem um volume maciço de capital que não tem retorno proporcional a curto prazo, pois na baixa estação há uma queda significativa de demanda.

Uma situação análoga se apresenta nos núcleos receptores em relação à adequação da infra-estrutura básica, quando, pela presença dos turistas, há um aumento significativo de usuários. Com isso surgem vários problemas como a falta de água, poluição, inflação nos gêneros de primeira necessidade e outros transtornos que castigam a população residente pelo aumento da demanda. A médio prazo os residentes começam a considerar os turistas responsáveis pelo aviltamento de sua qualidade de vida. Robert Lanquard, em seu livro *Sociologia do Turismo*, coloca a seguinte situação:

Os conflitos mais graves surgem quando fenômenos de saturação desequilibram a vida local... rupturas de carga aparecem nos provisionamentos de água, de energia, no sistema sanitário etc. Quando os conflitos se multiplicam, o turismo pode criar graves ressentimentos e ser rejeitado. (LANQUARD, 1985:95)

Vê-se, portanto, o quanto é necessário criar instrumentos capazes de minimizar os efeitos da defasagem entre o volume dos fluxos turísticos nas alta e baixa estações.

Em algumas regiões do mundo, e também do Brasil, um dos fatores da sazonalidade no turismo é o clima; no caso brasileiro em particular, grande parte dos locais turísticos estão localizados em áreas de clima

tropical com sol e calor durante todo o ano, fato que permite pensar em um turismo significativo contínuo. É preciso porém encontrar segmentos populacionais que possam viajar em qualquer época por não estarem atrelados aos períodos de férias escolares. Um desses segmentos é aquele composto pelos aposentados, como se analisa a seguir.

3 APOSENTADORIA: VELHICE SOCIAL

Denominando *aposentadoria* como velhice social, diz MAGALHÃES (1989:10) que:

a partir do referencial biológico, fatores não biológicos marcam profundamente o ritmo, a natureza, a estrutura e significações da velhice, a ponto de perguntarmos se a velhice não é antes de tudo uma entidade criada em um processo social em que alguns atribuem a outros pesos e medidas.

Entre as idades tem-se a chamada *terceira idade*, englobando segmentos populacionais bastante diferentes. Para classificar melhor os estágios da terceira idade, pode-se considerar as idades das artérias, cronológica e social.

A *idade das artérias* também chamada biofisiológica, refere-se mais diretamente ao estado de saúde e ao desgaste físico dos indivíduos de idade avançada, cuja problemática está ligada à gerontologia e à medicina.

Já a *idade cronológica* é produto de uma cultura específica, ou mais exatamente, produto de uma representação social dominante. É um tempo estrutural e estruturante que possui uma eficácia social em um certo período e serve de parâmetro de leitura a toda uma sociedade que depende das representações que lhe fazem os atores sociais. A mudança dessa representação é lenta e difícil, na medida em que possui uma lógica não-condizente com as reais mutações das condições da realidade. Por exemplo, em vários países do mundo, como também no Brasil, é considerado "idoso" para fins de recenseamento os indivíduos de mais de sessenta anos, o que pela novas condições de vida nos centros urbanos não condiz com os indicadores da velhice biológica.

Se a idade cronológica não reflete a vitalidade e as expectativas de vida do homem contemporâneo, a *idade social* da aposentadoria traz, para um grande número de pessoas em fase de plena maturidade, uma série de problemas. Integram esse segmento aqueles que estão fora do sistema produtivo e segundo os valores da sociedade industrial numa situação de marginalidade. Para o extrato considerado classe média, a aposentadoria pode representar uma existência bastante problemática.

É nessa classe que se tem levantado a questão do idoso social; são pessoas desse extrato que, ou mobilizadas por instituições ou reunidas espontaneamente, colocam junto aos seus pares a problemática social do aposentado. Uma das instituições que tem se preocupado com isso é o SESC - Serviço Social do Comércio -, que, além de dar oportunidades de expressão a tais pessoas, tem realizado estudos valiosos sobre suas condições.

Nesse marco da classe média examinei os trabalhos que surgiram em São Paulo, no SESC e que foram e continuam sendo o principal referencial de uma nova prática de estímulo à sociabilidade, à comunicação, aptidão física e mental... associei observações sobre a relação entre emissores e receptores na produção de imagens. Verifiquei que são produzidas diferentes
são atribuídos significados e valores diferentes. (MAGALHÃES, 1989:11)

Por esses estudos, verificam-se valores distintos relacionados à independência econômica e às atividades de trabalho informal, ou seja, surge a ocupação do tempo em atividades muitas vezes distintas da que exerciam, úteis e valorizadas socialmente.

Por outro lado, a posição do *idoso* nas relações familiares é delicada. Suas experiências acumuladas numa realidade caracterizada pela inovação permanente e de projeto individual de vida, de realização profissional, econômica e social excluem-no, até certo ponto do contexto vivencial da família. Isso torna-o isolado, com baixa sociabilidade. Suas carências podem, no entanto, ser preenchidas pelo trabalho e/ou educação informal e pelos lazeres.

Entre os lazeres o mais significativo é o *lazer turístico*, pois possibilita uma sociabilidade, comunicabilidade e expansão do universo cognitivo do idoso mediante novas experiências vivenciais.

A utilização do tempo livre contínuo em viagens organizadas especificamente para pessoa de terceira idade poderá servir de estímulo para relacionamento com novos grupos, aumentando, conseqüentemente, o círculo de amizades. Proporciona assim uma "abertura" no universo cognitivo, novas vivências com outros modos de comportamentos, ou seja, uma ampla visão sobre lugares distintos do seu cotidiano, e, como conseqüência, maior repertório de informações que facilita a sua própria comunicabilidade.

4 ADEQUAÇÃO DOS PACOTES TURÍSTICOS À TERCEIRA IDADE

Ao falar de turismo para a terceira idade, dirigido à classe média, o tipo de turismo mais adequado é o de grupo, onde o pacote é preparado

de modo a estar tudo incluído. A viagem para esse grupo, em particular, não deve representar apenas uma simples viagem, mas sim deve-se utilizar esse tempo para a satisfação dos objetivos de sociabilidade e comunicabilidade,² e para a formação de grupos que se relacionem durante e após a viagem.

Considera-se que a viagem tem três etapas: antes, durante e depois. A fase que precede a viagem deve ser preparatória para uma convivência entre as pessoas, com vistas a um relacionamento humano enriquecedor. Isso pode ser conseguido através de palestras sobre os diferentes tipos de personalidade com as quais se convive, pois é na maturidade que as pessoas às vezes têm dificuldade em fazer concessões. É preciso, também, estimular a curiosidade em relação aos locais que irão visitar, dar informações sobre os recursos naturais e culturais das regiões a serem visitadas. Esses encontros terão como objetivo a coesão do grupo e aquisição de conhecimentos.

O planejamento da viagem em si deve ser feito levando-se em conta a duração dos percursos, os locais de alimentação, na medida em que nesta idade muitos passageiros fazem algum tipo de dieta, o tempo ideal para cada passeio etc. É importante considerar que os idosos não podem seguir o ritmo de uma excursão normal dirigida a jovens, por exemplo. Os organizadores precisam ter informações sobre a saúde e as particularidades e cuidar para que não haja imprevistos desagradáveis em relação ao bem-estar físico dos mesmos.

Importante também é o conhecimento das limitações físicas e fisiológicas desses usuários, para dosar as horas de viagem, as paradas e o tipo dos passeios. Todo o passeio ou atividade que exija um maior esforço físico deve ser informado antes, para que possam decidir participar ou não; para os que não possam fazê-lo, oferecer alguma atividade alternativa.

Os guias que acompanham esses passageiros devem estar preparados para tratar com pessoas de terceira idade, conhecer as inseguranças que apresentam aqueles passageiros que saem pela primeira vez sem a família. Convênios médicos com instituições de saúde nos locais de destino é uma preocupação que os organizadores devem ter. Tal preocupação deve ser do conhecimento dos passageiros, uma vez que proporciona uma maior segurança.

No retorno da viagem, deve-se proporcionar a continuação do relacionamento já estabelecido, mediante encontros para exibição de

² O turismo é o único segmento que pode estabelecer esse relacionamento entre as pessoas gratuitamente.

fotografias, "slides", vídeos etc., ou reuniões para colher as impressões da viagem pelos membros do grupo. É uma boa ocasião para que o grupo planeje junto ao agente futuros roteiros.

Uma ampla campanha publicitária sobre essas viagens deve mostrar, também, as vantagens do turismo feito na baixa estação e como se pode aproveitar os locais do Norte/Nordeste onde há "verão" durante todo o ano.

É preciso que os hoteleiros e os responsáveis pelos transportes ofereçam tarifas especiais para aqueles que viajam fora da alta estação e pertençam à terceira idade e que os órgãos públicos estabeleçam convênios e proporcionem ou estimulem o desenvolvimento de atividades de lazer e turismo, como o Clube da Terceira Idade³ da Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo, que está em atividade desde 1985.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O censo de 1990 revela que a porcentagem dos que têm 60 anos ou mais no Brasil representa 6,8%, porcentagem essa com tendência a aumentar. Isso significa que há um aumento da esperança média de vida da população brasileira, indicador social da melhoria da qualidade de vida e de bemestar social, relacionada, na verdade, às regiões centrais ou urbano-industriais. Assim, tem-se um segmento significativo que poderá, inclusive, contribuir para uma *compensação econômica*, tal como o pensamento de SESA (1983:44):

A instalação de pólos turísticos em regiões detentoras de uma atração natural, que se encontram, habitualmente, fora dos pólos urbanos e industriais, determina o conhecimento efeito de "compensação" econômica, que é um efeito de equilíbrio territorial e, portanto, macroeconômico. A instalação da atividade turística em regiões "externas" - faixas costeiras, marinhas ou lacustres, montanha ou campo - determina um equilíbrio econômico entre duas zonas do país: aquela urbanizada e industrial de uma parte, aquela turística de outra.

³ Por esse clube, as pessoas com mais de 50 anos, mediante cadastro com carteirinha, podem usufruir de: descontos de remédios, medicamentos e clínicas; descontos de hotéis em várias cidades paulistas, que mantém convênio com a Secretaria; programas de excursões (convênio com agências operadoras); pontos de encontro no Ginásio "Constâncio Vaz Guimarães (Ibirapuera) e "Baby Barionc" (Água Branca), para a prática de yoga, tai-chi-chuan, croche, coral, violão; baile ("saraus") no Ibirapuera às 2.as feiras e na Água Branca às 4.as feiras; Jornal da Terceira Idade, editado pela Secretaria com assuntos direcionados às pessoas do clube; Encontros Nacionais da Terceira Idade - em 1991 foi realizado em Ribeirão Preto (SP), com aproximadamente 1500 pessoas oriundas de todo o Brasil.

Um dos problemas que restringe os investimentos nas regiões turísticas "externas" é a sazonalidade. Na medida em que for minimizada a defazagem dos fluxos turísticos entre baixa e alta estação, ter-se-á possibilidades de investimentos. Assim, procurar estimular segmentos populacionais, que possam viajar em qualquer época do ano traz benefícios às regiões turísticas, aos agentes econômicos ligados a essa atividade e, a médio prazo, ao próprio País.

Por outro lado, o turismo para as pessoas de terceira idade pode ser uma descoberta de enriquecer a vida cotidiana, na medida em que possibilita a criação de um novo tipo de relacionamento, expansão do universo cognitivo, vivências de novas experiências de vida e a prática efetiva da comunicabilidade e da sociabilidade. As informações recebidas podem ser úteis na reestruturação de seu cotidiano, mediante a educação ou o trabalho informal.

Sob um ponto de vista macroeconômico, seria preciso que os homens do poder público sentissem que o turismo pode ser um dos setores econômicos que deve ser prestigiado, na medida em que tem condições de ajudar o desenvolvimento de regiões consideradas carentes, e que os mesmos atentassem para os seguintes pensamentos:

Conceder ao turismo uma face mais humana, é despertar e explorar plenamente o enorme potencial que permanece adormecido em cada indivíduo. (KRIPPENDORF, 1979)

A velhice é apenas uma fase da existência, diferente da juventude e da maturidade, mas dotada de um equilíbrio próprio e deixando aberta ao indivíduo uma ampla gama de possibilidades. (BEAUVOIR, 1970)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, S. 1985. *A velhice: as relações com o mundo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- LANGUARD, R. 1985. *Sociologie du tourisme et des voyages - Para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MAGALHÃES, D. N. 1989. *A invenção social da velhice*. Rio de Janeiro: Papagaio.
- SESSA, A. 1983. *Turismo e política de desenvolvimento*. Porto Alegre: Uniontur.